



JOAQUIM BRASIL FONTES

# CINCO

# ANAMORFOSES

“Ce dont il s’agit dans la perspective géométrale est seulement repérage de l’espace, et non vue. L’aveugle peut tout à fait concevoir que le champ de l’espace qu’il connaît, et qu’il connaît comme réel, peut être perçu à distance, et comme simultanément. Il ne s’agit pour lui que d’appréhender une fonction temporelle, l’instantanéité. Voyez la dioptrique de Descartes, l’action conjuguée de deux bâtons. La dimension géométrale de la vision n’épuise donc pas, et loin de là, ce que le champ de la vision comme tel nous propose comme relation subjectivante originelle.

C’est ce qui fait l’importance de rendre raison de l’usage inversé de la perspective dans la structure de l’anamorphose” (Jacques Lacan, “L’Anamorphose”, in *Le Séminaire, Livre, IX, Paris, Seuil, 1973, p. 81*).

Um moderno, adorador dos clássicos, inclina-se, um pouco às cegas, sobre alguns fragmentos da lírica de Safo:

## PRIMEIRA ANAMORFOSE: A LETRA MISTERIOSA

Tento ler o fragmento 83 na edição de J. M. Edmonds (1), helenista inglês muito reputado em outros tempos: é no texto grego estabelecido nesse livro que se apóia Marguerite Yourcenar para compor as delicadas traduções francesas contidas em *La Couronne et la Lyre* (2), onde tantos vêm colher as canções da poeta de Mytilene.

Constato, entretanto, e com alguma surpresa, que os versos inaugurais do fragmento 83, na versão de Edmonds, não figuram em modernas e autorizadas edições da lírica de Safo: a de Lobel e Page (3), por exemplo, ou a de Campbell (4):

**JOAQUIM BRASIL FONTES** é professor da Unicamp e tradutor de poesia grega (*Fragments dos Fragmentos da Lírica de Safo – Noa Noa*). É autor do livro *Eros, Tecelão de Mitos* (Estação Liberdade).

1 J. M. Edmonds, *Lyra Graeca*, vol. I, Loeb Classical Library, 1934, p. 240.

2 Marguerite Yourcenar, *La Couronne et la Lyre*, Paris Gallimard.

3 Edgar Lobel e Denys Page, *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*, Oxford, At the Clarendon Press, 1955.

4 D. A. Campbell, *Greek Lyric, I*, London, Loeb Classical Library, 1982.

Na página anterior, detalhe de alto-relevo em que uma amazona tem os cabelos puxados por um grego; na posterior, detalhe do grande altar de Zeus em Pérgamo: Alkyoneus é seguro pelo cabelo por Atena, enquanto seu corpo é envolvido por uma serpente

[ἸΑτζιδ' οὐπὸτ'ἄρ'᾽]ψ[ομαι].

Palavras que, numa língua bárbara, ficariam assim:

[So I shall never see Atthis more].

Alguns minutos de hesitação. Retiro depois, com respeito, o conteúdo desses colchetes [ ] [ ], indicadores, no estabelecimento dos textos antigos, de uma intervenção, de uma restauração ou de uma hipótese (às vezes, como aqui, bastante ousada) do mestre que se ocupa em passar as palavras, do pergaminho ou papiro em ruínas, para a página impecável de um livro moderno. Descubro, assim, o *texto original* de Safo, antes de terem passado sobre ele as mãos de Edmonds:

[ ] ψ [ ].

## SEGUNDA ANAMORFOSE: AUTOR/LEITOR

*Madame Bovary* é Flaubert, naturalmente; Sartre é, para todos, *L'Être et le Néant*; Stendhal, a *Chartreuse*. E existem uns versos que, citados há muitos séculos, evocam imediatamente o nome de Safo de Lesbos:

“a lua já se pôs, as Plêiades também;  
é meia-noite;  
a hora passa, e estou deitada, sozinha”.

Mas percebendo, desconcertado, que esse fragmento não figura, em lugar de honra, na clássica edição de Lobel e Page, o leitor ingênuo procura seu contexto original, e descobre que essas palavras foram citadas por um certo Hefaištíon, um *graeculus* cujo *floruit* ocorreu no século II d.C. Os quarenta e oito volumes que escreveu sobre métrica perderam-se, naturalmente; numa epítome conservada (por acaso?) pode-se ler, em determinado momento, uma explicação do ritmo tetrâmetro acatalético, exemplificado pelas frases mencionadas acima. Hefaištíon as atribui, indiferentemente, a Alceu ou Safo de Mytilene. A autoria foi decidida – para o Ocidente cristão – em pleno século XV, por Arsenius, filho de Apostolius e compilador

de provérbios, que não conseguiu convencer, como vimos, modernos helenistas, muito mais rigorosos no estabelecimento das propriedades.

Outro leitor, sem compromisso com a erudição, talvez não hesite muito tempo: igual, sob esse aspecto, a um sonhador renascentista, ele vem colocar sob o signo de Safo de Lesbos aqueles versos sobre a lua solitária, tão cheios de graça melancólica.

## TERCEIRA ANAMORFOSE: EROS/HIEROGLIFO

Maximus Tiriús, mestre de retórica, viveu no fascinante século II d.C. e é autor de um paralelo, bastante escolar, entre Safo e Sócrates, vistos como figuras exemplares da Poesia e da Filosofia. “Sócrates” – lemos em determinada altura desse velho texto (5) – “diz que *Eros é sofista*; Safo, que ele é *tecelão de mitos*. Sócrates sente-se transtornado por Fedro, enquanto *o coração de Safo é agitado por Eros, como o vento caindo, da montanha, sobre os carvalhos*”.

Esse comentário (as palavras da poeta grega são apresentadas numa versão em prosa: trata-se, sem dúvida, de uma paráfrase) serviu de ponto de partida para a construção de um verso hipotético (6), que se transformou num dos mais conhecidos, entre os fragmentos da lírica de Safo:

Ἔρως δ' ἐτιναξε μοι

φρένας, ὡς ἄνεμος κατ' ὄρος

δρύσιν ἐμπτῶν.

Théodore Reinach (7) propõe a seguinte tradução:

“*Éros a secoué mon âme comme le vent, qui vient de la montagne, tombe dans les chênes*”.

D. A. Campbell (8):

“*Love shook my heart like a wind falling on oaks on a mountain*”.

5 Maximus Tiriús, *Dissertationes*, 18,9. Edição consultada: Paris, Didot, 1840 (texto bilingüe – grego/latim –, no volume de Teofrasto).

6 Depois de citar esses versos, Denys Page escreve: “*the beginning is a conjectural restoration from a paraphrase*” (in *Sappho and Alceus*, Oxford, At the Clarendon Press, 1955, p. 134, nota 4).

7 Th. Reinach, *Alcée/Sappho*, Paris, Les Belles Lettres, 1937, tr. 44.

8 Campbell, op. cit., fr. 47.

9 *Poesia Grega e Latina*, seleção, notas e tradução por Péricles Eugênio da Silva Ramos, São Paulo, Cultrix, 1964.

10 Cf. verbete *kardía*, in F. E. Peters, *Termos Filosóficos Gregos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

Péricles Eugênio da Silva Ramos (9):

“O amor agita meu espírito  
como se fosse o vendaval  
a desabar sobre os carvalhos”.

Em Maximus Tirius e no verso hipotético aparece uma voz grega significando, no singular, “toda membrana que envolve um órgão” e, no plural, “vísceras”, “entranhas”. Em poesia, entretanto, informa qualquer bom dicionário, “*phrènes*” deve ser traduzido por “alma” ou “coração”.

*Phrènes*: na história dessa palavra pode-se ler um capítulo da progressiva dissociação do homem em espírito e corpo. Na fisiologia pré-socrática, ela indicava a sede da volição, do sentimento e da inteligência; é com o *phrènes* ou *diafragma* que sente e pensa o herói homérico – de onde, posteriormente, se derivou *phrónesis*, pensamento ou sabedoria (10).

Assim, em Homero, *Odisséia*, XVIII, 331: οἴνος ἔχει φρένας. Passagem de tradução complicada: “o vinho apodera-se [do teu espírito?][da tua alma?][do teu coração?]”. O poeta, na realidade, ao usar o vocábulo *phrènes*, quis referir-se a um homem visto como um todo, ligado ao todo; assim como está ligado ao todo o deus, nesta passagem da *Iliada*, impossível de ser transposta para as línguas modernas: οὐδὲ Διὸς πεῖζέ φρένα – “ele não persuadiu [o espírito?][a alma?][o coração?] de Zeus”.

As mãos do tradutor – sustentadas, não apenas pela rotina, mas pela pertença a um espaço cultural – inscrevem, na página em branco, as palavras inevitáveis:

“Eros agita meu coração  
meu espírito  
minha alma  
como se fosse o vento dos altos montes  
desabando sobre os carvalhos”.

Bonita imagem mitológica; verso perfeitamente inteligível para o leitor moderno, esse herdeiro da tradição petrarquista, à qual poderíamos opor a tentativa de recuperar – ou

Banco de Dados



de resgatar, se quiserem – o “sentido primeiro” de *phrènes*:

“Eros me agita as entranhas  
igual ao vento que, da montanha,  
desaba sobre os carvalhos”.

Transposto, entretanto, para a matriz demarcada somente pelo corpo, o verso adquire uma nuance naturalista, impertinente e até incômoda: porque, prisioneiros de nós mesmos, acentuamos o dualismo, ao excluir da tradução os elementos que, na história da lírica ocidental, aparecem sob o signo de *alma*, *espírito*, *coração*.

#### QUARTA ANAMORFOSE: O TRADUTOR E A MUSA

Lemos em Strábon (11) que Homero, ao falar dos fenícios, dá-lhes o nome de sidônios, de acordo com sua cidade natal, Sidon; com isso está usando apenas uma figura comum; assim, por exemplo: *veio do Ida aos Gárgaros*. E Safo:

“*ou Chypre, ou Paphos, ou Pânormos*”.

Durante algum tempo, esses versos perseguem, obsessivos, um moderno amador dos clássicos: uma seqüência de nomes, um ritmo, espaços cheios de mistérios: *ou Chypre, ou Paphos, ou Pânormos...* De repente, o tradutor percebe que vem fazendo ressoar nas palavras de Safo, não a língua grega, mas o charme de certas evocações feiticeiras e puramente musicais de um dramaturgo e poeta francês:

“... *les monstres étouffés, et le brigands*  
[*punis,*  
*Procuste, Cercyon, et Sciron, et Sinis*”.

Versos que recordam, escreve Leo Spitzer em seu famoso estudo sobre Racine, “os exercícios parnasianos e, com sua harmonia em ‘s’, feitos para impressionar o ouvido...” (12):

“*Procuste, Cercyon, et Sciron, et Sinis*  
[...]  
*è se Kýpros è Páphos è Pánarmos*  
[...]

Intuindo a presença de duas Musas, o tradutor – um moderno, amador dos clássicos – já não sabe dizer se essas frases em grego, em francês e português são puros arranjos estéticos sem maiores conseqüências ou, na verdade, armadilhas do poeta para prender, na trama das melodias, homens e deuses imortais...

#### QUINTA ANAMORFOSE: A MELANCOLIA

“*La lluna ja s’ha post  
i les Plèiades. És  
mitjanit. Debades  
m’he esperat, i jec sola*”.

Eis que reencontramos aqueles versos sobre a lua solitária, traduzidos, desta vez, para o catalão, por Manuel Balasch, que escreve em seu prefácio à *Obra Completa de Safo*, edição bilíngüe:

“*El fet que el meu català és a molta distància del grec sàfic hauria només de ser un estímulo per voler poder llegir Safo en grec i arraconar aquesta traducció. Perquè no dubtis que quan llegim Safo en grec ens trobem en un món de miracle, des del qual és difícil baixar sense melangia per tornar al món de la velocitat, de les presses i de les bestieses que projecta la televisió*” (13).

(O idioma, tão próximo do português, torna quase dispensável a tradução – que destruiria, aliás, a cândida beleza dessas palavras de mestre Manuel Balasch. O leitor fecha, então, o livro das versões e inclina-se, pensativo e um pouco às cegas, sobre velhas e elegantes cursivas gregas:

Δέδυκε μὲν ἅσελάννα  
καὶ πηλίαδες· μέσαι δὲ  
νύκτες, πάρα δ’ἔρχετῶρα  
ἔγω δὲ μόνα καζεύδω.)

11 Strábon, *Geografia*, 1.2.33.

12 Leo Spitzer, *Études de Style*, Paris, Gallimard, 1970, p. 285.

13 Safo, *Obra Completa*, edição bilíngüe, tradução de Manuel Balasch, Barcelona, Edicions 62, 1985.